



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

EDINAN PAULO DE ALMEIDA BERTOCHO

**MIRONGAS E MACUMBA: O CULTO AO DIVINO AFRO-BRASILEIRO NO
TERREIRO DE UMBANDA OGUM BEIRA MAR, PASSO FUNDO-RS**

**CHAPECÓ
NOVEMBRO DE 2019**

EDINAN PAULO DE ALMEIDA BERTOCHO

**MIRONGAS E MACUMBA. O CULTO AO DIVINO AFRO-BRASILEIRO NO
TERREIRO DE UMBANDA OGUM BEIRA MAR, PASSO FUNDO-RS**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado como requisito para a obtenção do grau de
licenciado em História pela Universidade Federal da
Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Jaisson Teixeira Lino
Coorientador: Fábio Araújo

**CHAPECÓ
NOVEMBRO DE 2019**



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
COORDENAÇÃO DO CURSO DE HISTÓRIA - LICENCIATURA
Rodovia SC - 484, Km 02, Bairro Fronteira Sul, Chapecó-SC CEP 89815-899, 2049-6426
historia.ch@uffs.edu.br, www.uffs.edu.br

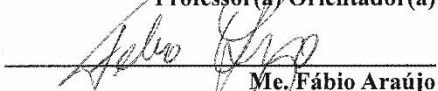
ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Aos cinco de dezembro de dois mil e dezenove, às ___ horas nas dependências do *Campus* Chapecó da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), reuniu-se a banca avaliadora da monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em História constituída pelos(as) professores(as): **Professor(a) Orientador(a) Dr. Jaisson Lino, Professor(a) Coorientador Me. Fábio Araújo, Professor(a) Avaliador(a) Dra. Renilda Vicenzi e Professor(a) Avaliador(a) Dr. Rossano Lopes.** O Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História - Licenciatura – elaborado pelo(a) acadêmico(a) **EDINAN PAULO DE ALMEIDA BERTOCHO** sob o título: "*MIRONGAS E MACUMBA: O CULTO AO DIVINO AFRO-BRASILEIRO NO TERREIRO DE UMBANDA OGUM BEIRA MAR. PASSO FUNDO-RS*". obteve nota 9,8 sendo considerado APROVADO.

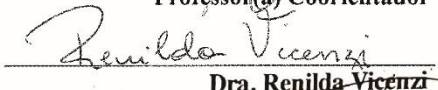
Chapecó - SC, 05 dezembro o de 2019.



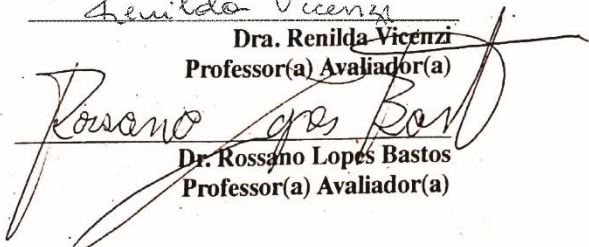
Dr. Jaisson Teixeira Lino
Professor(a) Orientador(a)



Me. Fábio Araújo
Professor(a) Coorientador



Dra. Renilda Vicenzi
Professor(a) Avaliador(a)



Dr. Rossano Lopes Bastos
Professor(a) Avaliador(a)

AGRADECIMENTOS

Durante estes anos na universidade inúmeros momentos foram marcantes em minha vida, posso destacar que quando cursei a disciplina de introdução a filosofia tive a oportunidade de ler um texto de Espinoza que falava sobre os encontros e quanto estes encontros modificam as nossas vidas, agreguei este termo em meu coração, pois resume muito do que eu acredito em relação a formação de um ser.

Agradeço os encontros que tive com todas as pessoas dentro da universidade, pois de alguma forma elas mudaram a minha vida, em especial a minha eterna amiga Isabella Brandão de Queiroz que me proporcionou um crescimento enquanto pessoa e me ensinou a ver o mundo de uma forma totalmente diferente, aos meus professores que durante esta jornada acrescentaram ao meu ser de forma imensurável, não posso deixar de destacar meu orientador Jaisson Lino.

Devo destacar a gratidão eterna que tenho a toda a minha família que me deu suporte para poder estar me graduando. Minha mãe Marcia, pai Edivan, meus irmão Alexandre e Leonardo, minhas avós Armelinda e Teresinha.

RESUMO

A umbanda surgiu no final de 1908 no estado do Rio de Janeiro, a partir do sincretismo do culto aos orixás - trazido pelos africanos escravizados que chegaram à América - com aspectos religiosos ameríndios e do kardecismo europeu. O objetivo central da presente pesquisa é analisar a cultura material e imaterial presente em um dos centros dessa religião, no Centro Africano Oxum Demum e Terreiro de Umbanda Ogum Beira Mar, localizado no município de Passo Fundo - RS, refletir sobre a história da Umbanda e entender e buscar entender a relação entre artefatos e o sagrado.

.

Palavras-chave: Umbanda; Terreiro de Umbanda; Religião; Sincretismo.

ABSTRACT

The Umbanda emerged at the end of 1908 in Rio de Janeiro State, from the syncretism of Orixás Cult – brought by the enslaved Africans who came to America – with Amerindian religious and European Kardecism. This research aims to analyze the material and immaterial culture present in one of the religion centers, in the Centro Africano Oxum Demum and Terreiro de Umbanda Ogum Beira Mar located in Passo Fundo City, Rio Grande do Sul State, to understand the meanings and influence that Umbanda has nowadays.

Keywords: Umbanda; Terreiro de Umbanda; Religion; Syncretism.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - <Religiões Afro-Brasileiras>.....	16
--	----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. A UMBANDA COMO UM MANIFESTO DA ANCESTRALIDADE.....	12
2.1 Uma religião Brasileira: O surgimento da Umbanda.....	13
2.2 O culto ao divino	17
3. O TERREIRO DO OGUM BEIRA MAR.....	20
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	44

1. INTRODUÇÃO

Vou abrir minha aruanda
 vou abrir meu juremá
 Vou abrir minha aruanda
 vou abrir meu juremá
 Com a licença de mamãe Oxum e nosso pai oxalá
 Com a licença de mamãe Oxum e nosso pai oxalá
 Santo Antonio é ouro fino arreia a bandeira e vamos trabalhar
 (AUTOR DESCONHECIDO).

Estudar e pesquisar religiões de matrizes africanas é, antes de tudo, um ato político, trazer em pauta discussões sobre este tema. No mesmo período que estive na graduação também tive a oportunidade de ingressar na Umbanda/Batuque/Quimbanda por intermédio de uma amiga no ano de 2016 e com isto despertou a vontade de entender estas religiões profundamente tanto como um viés acadêmico e religioso. O presente trabalho é resultado de três anos de estudo sobre este tema.

Pensar religião como objeto científico, sobretudo no ocidente, implica em pensar em uma hegemonia cristã. No Brasil, segundo o IBGE de 2010, 86,8% da população é cristã, as religiões de matriz cristã muito bem enraizadas e difundidas na sociedade através da mídia, política e na própria construção histórica do ocidente. O cristianismo vem crescendo desde os primórdios do período medieval e, portanto, propondo e consolidando um paradigma moral e ético na sociedade, criando uma sociedade polarizada que divide tudo *entre certo ou errado, bom ou ruim, céu e inferno*, entre outros (FRANCO JÚNIOR, 1996).

Quando pensamos na presença desses cristãos na América, a história tradicional (onde alguns grupos de pessoas são exaltados e outros depreciados ou até esquecidos) por muito tempo criou a imagem de bons homens, que vieram para as Américas trazendo esperança e fé para um povo sem lei, esmagando e soterrando à força grande parte dos costumes religiosos que estes povos construíram através dos séculos. Quando nos referimos aos africanos a situação se agrava, pois por muito tempo foram vistos pela Igreja Católica como animais, que não tinham alma, justificando assim o processo de escravização que teve início principalmente no século XV, onde foram escravizados e levados, principalmente para as Américas (AGNOLIN, 2011).

Com o início do tráfico negreiro para as Américas, os africanos trouxeram consigo sua cultura e religiosidade, que foram reprimidas duramente. Mas de várias maneiras os africanos criaram formas para resistir a essa perseguição, e um exemplo muito claro é o sincretismo que existe até na contemporaneidade dos santos católicos com os Orixás, onde uma imagem de

Jesus Cristo é vista como Oxalá para essa população, por exemplo. Outra maneira foi através da história oral onde as lendas dos Orixás e forma que eles são cultuados, foi passando de geração em geração e perpetuando assim esses conhecimentos.

No século XX surge uma nova forma de cultuar esses deuses africanos: a Umbanda. Junto com essa raiz africana, traços ameríndios e resquícios do espiritismo e do catolicismo europeu foram incorporados nessa religião. Uma religião que prega a humildade e a caridade acima de tudo, e através da incorporação de espíritos em médiuns, espíritos evoluídos que já viveram em terra, praticam essa caridade e humildade, dando um conforto a quem os procuram.

Por mais complexa que esta religião seja, ela ainda é vista pelos olhos de boa parte da sociedade como uma religião do “demônio”, principalmente pelas igrejas neopentecostais, que acreditam que nestes locais a única finalidade seja a prática da maldade. E essas inverdades são difundidas na nossa sociedade principalmente pela intolerância religiosa que muitas destas instituições cristãs pregam aos seus fiéis, levando ao ápice de muitos centros de culto afro-brasileiros serem queimados, destruídos e difamados em nome de um conservadorismo religioso cristão que quer acabar com o pluralismo de crenças, e instaurar novamente um único segmento religioso oficial e aceito pelo estado.¹

O processo de patrimonialização de terreiros e/ou centros religiosos de matriz afrodescendente é uma das formas de conscientizar a população sobre a importância destes locais, fomentando assim uma discussão sobre a relevância destes centros para a sociedade brasileira, auxiliando assim para que os mesmos não se extinguem por diversos motivos como por exemplo a ação do tempo nestes locais e a falta de recursos financeiros para a manutenção dos ambientes religiosos.

O Centro Africano Oxum Demum e Terreiro de Umbanda Ogum Beira Mar é localizada na cidade de Passo Fundo Rio Grande do Sul, e está sob o comando do Pai de Santo Jair da

¹ Notícias de ataques a terreiros de religiões Afro-Brasileiras: RODNEY, Pai. **A Rede Record e o direito de resposta às religiões de matriz africana**. 2018. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/a-rede-record-e-o-direito-de-respostas-as-religioes-de-matriz-africana>>. Acesso em: 06 abr. 2018.

BALLOUSSIER, Anna. ‘Tráfico evangelizado’ é acusado de liderar ataques a terreiros no Rio. 2017 Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/10/1922713-traffic-evangelizado-e-acusado-de-liderar-ataques-a-terreiros-no-rio.shtml>>. Acesso em 22 mai 2018

FUHRMANN, Leonardo. **Promotoria investigará ataques a terreiros religiosos no interior de SP**. 2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/10/1927357-promotoria-investigara-ataques-a-terreiros-religiosos-no-interior-de-sp.shtml>>. Acesso em: 22 maio 2018.

NUNES, Dimalice. **Em três semanas, São Paulo tem oito ataques a religiões de matriz africana**. 2017. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/em-tres-semanas-sao-paulo-tem-oito-ataques-a-religioes-de-matriz-africana>>. Acesso em: 22 maio 2018.

Silva. Neste centro religioso são feitas iniciações em três religiões, que são a Umbanda, a Quimbanda e o Batuque de Nação Jeje.

A presente pesquisa terá foco principal no estudo da Umbanda, analisando a cultura imaterial minuciosamente através das ritualísticas das manifestações religiosas, e a cultura material, entendendo os nuances da importância e do significado dos objetos que se encontram no centro percebendo assim a importância destes patrimônios para a população que frequenta o espaço.

O patrimônio cultural muitas vezes é associado a bens materiais/tangíveis, como por exemplo objetos e locais, mas estes patrimônios têm muito mais significado que apenas o objeto em si, pois o modo de produção destes também está ligado a um patrimônio, sendo este o imaterial que está ligado a modos/costumes de realizar determinadas ações, um exemplo claro disto são rituais religiosos que tem um grande significado para um grupo de pessoas mesmo este não sendo tangível (FUNARI 2006). Sendo este um dos principais objetivos deste trabalho entender a importância e o significado de objetos e dos rituais que são realizados no Centro Africano Oxum Demum e Terreiro de Umbanda Ogum Beira Mar.

No primeiro capítulo deste trabalho será abordado sobre a história e segmentos das religiões Afro-brasileiras para o leitor, com foco principal na Umbanda, remontando sua história para uma melhor compreensão da mesma. No segundo capítulo será desenvolvida uma análise Terreiro de Umbanda Ogum Beira Mar, descrevendo alguns objetos com suma importância para o culto a umbanda. Através da etnoarqueologia, cultura material e imaterial buscaremos entender e compreender estes objetos que se tornam sagrados para seus fiéis.

2. A UMBANDA COMO UM MANIFESTO DA ANCESTRALIDADE

Eu vi mamãe oxum na cachoeira
 Sentada na beira do rio
 Colhendo lírio lirulê
 Colhendo lírio lirulá
 Colhendo lírio
 Pra enfeitar o seu conga
 (AUTOR DESCONHECIDO).

A religião e a magia são elementos universais da cultura e isso acaba por gerar grande interesse de vários cientistas. Todos os povos que já se encontraram sendo estudados por antropólogos exibem uma crença em forças sobrenaturais de alguma forma. A sociedade busca na religião normas de comportamento com o objetivo de se prevenir de acontecimentos inesperados e incógnitos, obtendo-se a necessidade de manter o controle dentro da organização social e o mundo que está ao seu redor (MARCONI, 1986).

Religião é uma forma íntima e particular de vivenciar uma realidade, sabendo que dentro da religião existem razões específicas da ação humana nos contextos gerais da existência humana. Religião é um sistema de símbolos que gera vínculos duradouros entre os homens e ajuda a formar ideias gerais sobre a existência, onde estes símbolos dão sentido e moldam realidade particular e de um grupo (GEERTZ, 1989).

Símbolos estão presentes no cotidiano das pessoas, são formas de entender mensagens com uma maior rapidez, um exemplo claro é ao ver uma caveira e imediatamente nos lembraremos de morte, e ao vermos uma bandeira branca podemos compreender uma mensagem de paz. Mas ao pensarmos em símbolos religiosos não devemos pensar que os mesmos têm uma função simplória, mas sim ver que eles têm uma grande relevância, pois aproxima pessoas e faz com que as mesmas se sintam familiarizadas mesmo com desconhecidos. Vemos isso acontecer com o sinal da cruz que é muito utilizado pelos cristãos católicos (GEERTZ, 1989).

O sagrado e o profano são dois temas muito importantes para entender o universo religioso, pois um dos motivos que se pode enumerar para a necessidade de uma religião seria que as mesmas dão explicações de assuntos intangíveis de uma resposta concreta, um exemplo claro é a morte, de todo espaço desconhecido (ELIADE, 2008).

Os cultos e rituais delimitam as intervenções religiosas dos povos, sendo públicos ou privados, os homens buscam por meio de orações, oferendas, sacrifícios, cantos e danças

respostas por acontecimentos que transcendem a compreensão humana. A religião por definição é a crença no místico e imaterial e é seguida de demonstrações dos sentimentos agregados pela religiosidade, como respeito e veneração. As doutrinas dentro de um conjunto social não podem ser isoladas da cultura pois ela implica diretamente no comportamento e organização política, social, econômica, de entretenimento. Um dos principais aspectos da religião e da magia é o sobrenatural, fundamentalmente se trata que transcende ao aspecto, compreensão e sentidos material e humano, o mesmo não pode ser comprovado pela ciência (MARCONI, 1986).

Os seres espirituais podem ser considerados bons, ruins ou neutros, habitam os mais diversos lugares e de forma geral encontram-se no universo de forma invisível. Dentro da religião existem dois elementos constitutivos: crença e ritual. A crença ou fé, é basicamente um sentimento de respeito, submissão, reverência, confiança e até mesmo temor em associação ao extraordinário. O indivíduo quando acredita nas entidades sobrenaturais aceita, sem questionamentos, sua superioridade voluntariamente sem quaisquer justificativas para sua lógica. A crença resulta na existência de algo sobre-humano e acarretam na importância pela sua carga emocional e intelectual. O culto também é uma importante característica da religião, se consiste em diversos atos que tem como objetivo a comunicação ou veneração com seres superiores, cultuam espíritos e antepassados. Está ligada a objetos sagrados, lugares específicos, oficiantes e crenças (MARCONI, 1986).

Os lugares sagrados são lugares que se tornaram a morada fixa ou temporária de espíritos ou deuses, podendo ser cavernas, bosques, árvores, entre outros. Em determinados casos estes lugares podem ser temidos e evitados. A magia, assim como a religião, se baseia na crença da existência do sobrenatural, mas os dois não devem ser confundidos pois a magia apenas faz apelo ao sobrenatural. Na magia o feiticeiro ou mago manipula o sobrenatural através de rituais. A magia e a religião podem ser facilmente confundidas, mas o feiticeiro raramente adquire objetos sagrados em seus rituais (MARCONI, 1986).

2.1 Uma religião Brasileira: O surgimento da Umbanda.

Não é raro ouvir que o povo brasileiro é formado pela mistura de três “raças”: índios, africanos e portugueses. Com isso, surge o mito da democracia racial, sendo esta uma crença muito presente no imaginário da população brasileira (sendo esses três grupos, os grupos que dão suporte para a formação da Umbanda). Segundo Domingues (2001, p.100) “significa um sistema racial desprovido de qualquer barreira legal ou institucional para a igualdade racial [...], um sistema racial desprovido de qualquer manifestação de preconceito ou discriminação”, em

todo esse contexto negros formam grupos que ainda hoje são marginalizados. Dois momentos são muito importantes para a criação deste mito, a Lei Áurea em 1888, essa lei encerra o sistema escravista no Brasil e a proclamação da república em 1889 e em tese assim todos os cidadãos brasileiros teriam os mesmos direitos a educação, emprego, saúde, moradia, terras entre outros.

Neste novo contexto os negros continuaram em desvantagem frente aos brancos e não podiam concorrer em condições paritárias; a cor não deixou de ser um fator restritivo ao sucesso individual e/ou do grupo. Por isso, na competição que se instaurou entre negros e brancos o trabalho, a competência inteligência capacidade e esforço individual não poderiam ter sido os únicos requisitos que iriam determinar o acesso aos bens públicos e privados. Já que o mérito não era o único critério para o indivíduo vencer na vida em uma sociedade marcada pela desigualdade, qualquer infortúnio pessoal poderia ser entendido como reflexo das injustiças raciais ou como distorções do sistema social pelos discursos da elite, contudo, o fracasso na vida do negro devia ser interpretado como consequência de suas próprias deficiências, pois sistema oferecia igualdade de oportunidades a todos, negros e brancos, indistintamente (DOMINGUES, 2001 p. 117).

Sendo assim, o mito da democracia racial é inaplicável em uma sociedade em que pessoas não têm as mesmas ferramentas e bases para competirem em uma sociedade capitalista, criando assim uma visão de que os negros são um vírus na sociedade e seus deméritos são resultados de suas próprias incapacidades. Sendo ignorados os quatrocentos anos de escravidão que diversos povos africanos foram forçados a passar na América e em outros continentes (DOMINGUES, 2001).

Ao pensarmos sobre questões indígenas na sociedade brasileira e seguirmos por um viés positivista teremos muita dificuldade em entendermos essa população, pois os mesmos são invisibilizados e colocados à margem da sociedade. Por muitas vezes sua existência fora esquecida pelo resto da população “branca”, sendo um dos únicos momentos em que estes povos são lembrados, seria em dias comemorativos, como o “dia do índio” por exemplo (LAVINA, 1999).

Ser indígena no Brasil, é quase como viver em um grande impasse imposto pela sociedade não-indígena, pois são vistos como arredios ao trabalho, mas em contrapartida quando esta população vai em busca de emprego sentem uma grande dificuldade em conseguir um, pois a sociedade diz que se é “índio” deveria viver no mato, tendo acesso à poucas opções de trabalho. São as empresas frigoríficas, praticamente as únicas que dão oportunidade de trabalho ou vendendo seu artesanato e sendo expostos a barbaria que não-indígenas fazem eles passar, os tratando como seres inferiores e de segunda classe (LAVINA, 1999).

Ao refletirmos sobre a formação do povo brasileiro e relacionarmos ao mito fundador do país, nós voltaremos para meados de 1500 onde os portugueses descobriram um novo

amontoado de terras que mais tarde seria denominado como Brasil. Neste contexto estes exploradores vêm para estas novas terras e começam o processo de colonização, onde por muito tempo foi criada uma imagem carregada de um positivismo que descrevia esses homens como bons e que tinham como único objetivo ocupar estas terras e trazer a civilização para este novo mundo sendo uma característica muito forte destes portugueses o catolicismo (CHAUÍ, 2012).

Entender a constituição da Umbanda é como montar um quebra-cabeças, sendo uma religião sincrética que possui raízes africanas com fortes relações ao Batuque/Candomblé, além de europeias, com a influência da igreja católica e do espiritismo kardecista. Sua relação com os povos indígenas ocorre pela utilização de ervas medicinais e pela figura do pajé representada pelo “caboclo” que seriam espíritos desencarnados que em terra durante uma de suas vidas viveu no Brasil sendo um indígena (BIRMAN, 1985).

A Umbanda é formada por uma trindade que seria o Cosme, sendo espíritos de crianças e/ou joviais, o caboclo que representaria a idade adulta e o preto velho que seria a representação de um ancião muito sábio e que em uma de suas vidas já foi escravizado (BIRMAN, 1985). Cabe ressaltar que existem outras interpretações sobre a composição de linhas dentro da umbanda um exemplo pode ser quadrante formado pela linha dos baianos, ciganos, boiadeiros e malandros.

O ponto de partida para entender a Umbanda se dá através da influência de raízes africanas, entendendo como foi o processo migratório forçado da população negra pelos traficantes de escravos para o continente africano, para o Brasil foram traficados africanos principalmente de quatro regiões: os bantos de Angola, Congo, os bantos de Moçambique, os sudaneses (especialmente os yorubas e dahomanos), os islâmicos (especialmente Haussa, Mandingas e Peuhls), sendo que cada um destes grupos tinham sua forma de cultuar sua religiosidade de forma distinta (OLIVEIRA, 2003).

De todos esses povos que vieram da África, os bantos, juntamente com os Yorubás (contribuindo com os arquétipos/divindades dos orixás), foram os que mais influenciaram na formação da Umbanda, tendo uma relação muito próxima com o voodoo mais praticado no atual Haiti. Os bantos conheciam uma série de divindades/espíritos, bons e maus, invocavam espíritos dos falecidos e antepassados. Vem dos bantos a palavra macumba que seriam os rituais realizados, as palavras Quimbanda, embanda e umbanda seriam os sacerdotes na Angola e no Congo e com a difusão destas palavras no Brasil tornaram-se sinônimo para o próprio culto e as pessoas que o frequentam (BIRMAN, 1985).

Com o passar do tempo a tradição Yourubá começou a influenciar os grupos da macumba/banto. Com essa troca cultural, ocorre o momento em que os orixás e forças da

natureza começam a também serem cultuados nestes rituais. A religião católica deu sua contribuição para o sincretismo, das imagens católicas como os orixás. Esse processo foi uma das formas em que estes africanos encontraram para diminuir a perseguição que sofriam por parte de uma elite cristã que os viam como cultuadores do diabo (BIRMAN, 1985).

O sincretismo é um assunto muito melindroso e complexo, por mais que surja como uma forma de driblar as perseguições em um período específico e na atualidade estas perseguições de certa forma estejam mais brandas por parte do estado, muitos centros de religião afro permanecem com estas tradições pelo respeito a sua ancestralidade.

A partir do século XIX a religião espírita kardecista foi introduzida no Brasil, sendo boa parte dos kardecistas brancos de classe média e junto com isso a religião que era negra começou um processo de ressignificação, estratégia usada como resistência, com a retirada de muitos dos rituais que envolviam o sacrifício de animais, simplificando assim os rituais e deixando de lado um pouco as línguas e termos africanos para a utilização de termos kardensista, mas ao mesmo tempo é de suma importância salientar, que não se tem um culto umbandista homogêneo ao ponto de dizer que dificilmente se encontraram dois terreiros com a mesma doutrina vigente (CANDOMBLÉ E UMBANDA: PRÁTICAS RELIGIOSAS DA IDENTIDADE NEGRA NO BRASIL, 2010).

Oficialmente a umbanda surgiu em 1908 através do anúncio do caboclo das sete encruzilhadas, mas antes no ano de 1861 já se tem registro de entidades de umbanda, um preto velho que se auto denominava Pai Quibomdo através do médium José Sebastião da Rosa (CARNEIRO 2014).

O surgimento da umbanda começa com um moço de dezessete anos chamado Zélio de Moraes, que vivia na cidade de Niterói-RJ. Esse moço começou a apresentar alguns sintomas que a família acreditou serem problemas mentais, ele foi internado em um hospital psiquiátrico, mas logo ganhou alta, pois não encontraram nenhum distúrbio que poderia ser tratado. Depois disso, a família o levou para um padre desconfiados de que o mesmo estaria possuído, sendo realizado um ritual de exorcismo o mesmo não consegue dar uma solução para os problemas que o jovem estaria passando. Por último ele vai ao encontro de uma curandeira que diz que o mesmo deveria trabalhar para “caridade” e que fazendo isso seus problemas seriam resolvidos (CARNEIRO, 2014).

Seguindo a sugestão de um amigo do pai de Zélio, ele foi levado à Federação Espírita de Niterói e no dia 15 de 1908 juntos com os outros médiuns que estavam reunidos na mesa branca (ritual realizado em centros Kardecistas), quando Zélio falou que faltava alguma coisa na mesa, foi até o jardim e voltou com uma flor branca que foi posta em cima da mesa, logo

mais incorpora o Caboclo das Sete Encruzilhadas e simultaneamente outros médiuns do local incorporam pretos velhos e caboclos, gerando um espanto em todos os que estavam reunidos naquele local. O caboclo das sete encruzilhadas também neste momento anunciou que no dia seguinte estaria dando início ao culto de uma nova religião (CARNEIRO, 2014).

No dia seguinte membros espíritas, vizinhos, amigos e familiares de Zélio reuniram-se na sua casa e às vinte horas o Caboclo das Sete Encruzilhadas voltou a se manifestar e anunciou que a nova religião que ele estava para começar aceitaria a todos até aos espíritos renegados pelo espiritismo até então que seriam os espíritos de escravos e índios (CARNEIRO, 2014). Desde então a umbanda se espalhou por todo o Brasil crescendo cada vez mais e dando a oportunidade a um número cada vez maior de pessoas que queiram conhecer essa religião.

A primeira casa de umbanda no Rio Grande do Sul foi no ano de 1926 na cidade de Rio Grande com o nome de Reino de São Jorge, em seu princípio não teve um ponto fixo a tornando itinerante pela perseguição policial, espírita e do batuque que não aprovava a forma que a umbanda cultuava os Orixás. (PEREIRA, 2011)

2.2 O culto ao divino

A religião umbanda está estritamente ligada às relações familiares. Geralmente existem três cargos que diferenciam os participantes desta religião: os pais de santo, os filhos de santo e os consulentes que seriam as pessoas que vão assistir esses cultos. Pai de santo seriam os sacerdotes que tem como objetivo dar suporte e ajudar no desenvolvimento mediúnico de seus filhos através da incorporação de guias de umbanda.

As entidades de umbanda podem ser classificadas em três grupos: os caboclos, os pretos velhos e os eres (crianças). Os caboclos seriam espíritos de índios que desencarnaram e através do seu conhecimento sobre ervas medicinais vem ajudar na cura de quem os procura. Os pretos velhos seriam almas de ex-escravos que através de benzimentos e conselhos que só quem viveu por muitos anos conseguiria acalmar o coração mais aflito. As crianças/eres seriam almas jovens quem vem trazer a alegria e a simplicidade às pessoas. Esses três grupos atuam através de passes mediúnicos que servem para retirar todas as energias negativas (SARACENI, 2015).

Cada médium recebe diferentes entidades espirituais, não trabalhando com apenas uma, mas sim com inúmeros espíritos com objetivo da caridade. Os nomes desses espíritos são variados como por exemplo, Pai Cambinda, Vó Maria, Caboclo Girassol, Caboclo Sete Flechas, Aninha e Pedrinho (SARACENI, 2015).

Dentro da umbanda também existe um grupo de entidades chamadas exus e pomba giras e elas também são cultuadas em uma religião paralela: a quimbanda. Normalmente essas entidades são vistas com maus olhos por quem não as conhecem direito, pois como são entidades que lidam com assuntos mais terrenos, como o amor e o dinheiro, muitos acreditam que elas só fazem o mal, por mais que todas as entidades de umbanda vistas por boa parte de pessoas ignorantes perante à religião, veem estas manifestações mediúnicas como manifestação de um demônio cristão que não existe para os umbandistas e vertentes das religiões afro (BIRMAN 1985).

Quando pensamos em religiões de matriz africana não podemos cometer o erro de pensar que ela é unificada. Existem várias raízes a esses cultos e por mais que existam duas da mesma vertente é muito difícil que se mantenham igual à sua nascente, pois seu dirigente normalmente a adapta para aquilo que acredita ser mais adequado para a sua realidade.

Quadro I: Religiões afro-brasileiras.

Grupos das religiões afro-brasileiras.	Descrição.	Tradição, cultos e variações participantes do mesmo conjunto.
Culto de Nação.	Conjunto composto por tradição com fortes influencias africana. O culto dá ênfase aos deuses denominados orixás, voduns ou inquices.	Candomblé em seus suas três principais nações: Ketu (iorubás), Angola (Banto) e Jeje (Fons); Batuque; Candomblé de caboclo; Jarê; Culto ao Ifá; cultos aos Egungun; Xangô do Nordeste; Xámba.
Encantarias.	Conjunto marcado pela presença dos encantados. Os encantados são seres espirituais que habitam as encantarias ou “incantes” alguns desses não chegaram a encarnar. Os que viveram em terra desapareceram misteriosamente sem morrer ou se encantaram com algum elemental da natureza em seu leito de morte.	Catimbó; Jurema; Babassuê; pajelança; tambor de minas; terecô; torê.
Umbanda.	Conjunto marcado pela presença de ancestrais ilustres no culto. Por exemplo:	Macumba; cabula; umbanda branca ou cristã (também chamado de espiritismo de

	caboclo preto velho, crianças, exu (entidade/catiço e não apenas o orixa), baianos, marinheiro, boiadeiro, cigano, entre outras linhas.	umbanda); umbanda omolocô umbandaime; umbanda esotérica ou iniciática; umbanda oriental; umbanda mística; umbanda traçada; quibanda.
--	---	--

(CARNEIRO, 2014 p. 22).

Não podemos afirmar que estes cultos citados na tabela são os únicos ritos de matriz africana, mas os mesmos servem para ilustrar a grande diversidade e formas de se cultuar a ao divino.

Os dois cultos mais conhecidos/difundidos no Brasil são os cultos umbandistas e os cultos de nação. A principal diferença entre esses cultos é que quando falamos em nação estamos falando do culto aos orixás que seriam deuses da natureza e na umbanda o culto é focado principalmente em três grupos de espíritos que seriam os caboclos, pretos velhos e eres (crianças), espíritos de pessoas falecidas que voltam a terra para cumprir suas missões na caridade ajudando e dando conselhos aos “encarnados”.

Orixás também estão presentes na umbanda, mas não se manifestam por si só, e sim através de caboclos, pretos velhos e eres que vibram em suas energias.

Os Orixás representam a personificação das forças da natureza e dos fenômenos naturais: nascimento e morte, saúde e doenças, as chuvas e o orvalho, as árvores e os rios. Representam os quatro grandes elementos: fogo, ar terra, água e os três estados físicos dos corpos: sólido, líquido e gasoso. Representam ainda os três reinos: mineral, vegetal e animal, além dos princípios masculinos e femininos, também presentes em sua representatividade. Tudo isso representa o poder vital e a energia, a grande força de todas as coisas existentes e que é denominada *àse*. O *àse* das forças da natureza é parte do orixá, porque o seu culto é exatamente dirigido às forças da natureza. O orixá é a parte disciplinada de tais forças aparte que é controlada para formar um elo nas relações da humanidade com o ser supremo (BENISTE 1997, p79).

Os orixás mais conhecidos no Brasil são Oxalá (orixá criador da humanidade), Iemanjá (deusa das águas salgadas) e junto com Oxum (orixá do amor e da água doce) regem a fecundação e a geração de novas vidas, Ogum (orixá guerreiro e ferreiro), Oxóssi (orixá caçador), Iansã (divindade das tempestades e que tem a função de levar as almas dos mortos ao *orôn*. – o céu), Nana (orixá da lama que cuida da alma dos mortos), Xangô (orixá das pedreiras e da justiça), Obaluaê (orixá das doenças contagiosas) (OLIVEIRA, 1980).

As histórias destas divindades se mantem até hoje através da oralidade onde são transmitidas de geração a geração e assim perpetuando estas lendas. As lendas dos orixás tanto para a Umbanda quanto para o Candomblé ou o Batuque são de extrema importância, pois é nelas que se encontra as formas que os orixás devem ser tratados e cultuados as suas quizilas

(restrições principalmente alimentares, que cada filho de santo deve observar, por respeito ao seu pai de cabeça/orixá) (PRANDI, 2001).

3. O TERREIRO DO OGUM BEIRA MAR.

Beira Mar venceu demanda
Nas portas do maita
Beira mar é o rei da Umbanda
Eu quero ver o beira mar girar
Mas que cavaleiro é esse
Que brilha no luar
É Ogum beira mar, Ogum beira mar
É Ogum beira mar, Ogum beira mar.
(Autor Desconhecido).

A Análise dos artefatos utilizados no Centro Africano Oxum Demum e Terreiro de Umbanda Ogum Beira Mar será feita através do método etnoarqueológico, que consiste em “uma especialidade da arqueologia que estuda sociedades contemporâneas para testar hipóteses, formular modelos interpretativos e teorizações sobre a relação entre as pessoas e o mundo material” (SILVA, 2009, p.122).

Esta metodologia é composta por três abordagens com o fim de entender e analisar o que foi proposto. Através da pesquisa bibliográfica é feito um levantamento sobre o que já foi escrito sobre o assunto, com a museográfica temos por objetivo analisar objeto em si e por último etnografia que através de uma observação participativa busca entender a relação entre os utensílios no sistema cultural do grupo captando assim informações valiosas para as análises dos mesmos. (SILVA, 2009).



(Google Maps)

Muitos dos centros de matriz Afro-Brasileira no Rio Grande do Sul são mistas, isso significa que cultuam mais de uma religião no mesmo espaço (Oro. 2002). No Centro Africano Oxum Demum não é diferente, neste local são realizados rituais de Batuque, Umbanda e Quimbanda, sendo que o culto destes são totalmente independentes entre eles, mas dialogam de uma forma muito harmônica, cada um tendo seu espaço e sua utilidade dentro do recinto.

Na Umbanda como já foi explanado com maior profundidade no capítulo anterior são cultuadas entidades com o nome popular de caboclos, sendo estes, almas de pessoas que já viveram em terra e voltam para praticar a caridade, através da incorporação em seus médiuns.

O Batuque é uma religião de culto aos Orixás sendo estes deuses africanos que vieram para o Brasil com a diáspora Africana, com o intuito de escravização nas Américas, passando por um processo de ressignificação de várias formas para que pudesse ser cultuado no Brasil. Estes Orixás são Deuses da natureza. A incorporação chamada de ocupação dentro do Batuque não é o principal objetivo deste culto, sendo este ato um grande tabu, pois acreditasse que o médium chamado de cavalo de santo, sendo este um termo não pejorativo, muito pelo contrário uma grande honra, ocupado não sabe que seu Orixá se manifesta, pois tem suas memórias apagadas (KOSBY, 2009).

As memórias são harmonizadas de uma forma para que seu cavalo não se lembre do que aconteceu e as pessoas que assistem esta manifestação são proibidas de contar que esta pessoa se ocupa, visto que acreditasse que se estes tomassem ciência da manifestação de seu

Orixá perderá toda a sua sanidade mental e até podendo levar a morte deste membro(KOSBY, 2009).

Os Exus e as Pombo Giras em seu princípio eram participantes de uma das falange da umbanda, mas com a sua popularização tomou tanta proporção que se tornou independente (Pai Raul de Xangô 2018), mesmo que em algumas casas seu culto ainda continue vinculado a umbanda, não deixando assim de nem uma forma de pertencer ao seu panteão . Em seus rituais mais conhecidos como sessão de exu, os médiuns incorporam entidades que também viveram em terra como na umbanda, mas este tiveram vidas mais mundanas portanto ainda estão em processo de evolução espiritual, de todas as entidades até aqui expostas estas são as mais próximas a humanidade e por isso trabalham com questões mundanas como o sexo/paixões e o dinheiro, mas isso não é um demérito, pois a umbanda trata da vida de seus membros em todos os aspectos não desvalorizando e ou julgando estes desejos sendo que estes tem grande importância no cotidiano das pessoas.

Em todos estas vertentes religiosas expostas até aqui podemos perceber inúmeros objetos e artefatos utilizados para as mais diversas finalidades, esses objetos são de muita relevância para estas tradições, pois sem muitos deles o culto não seria viável. Contudo não é correto classificar os praticantes deste culto como simples idólatras, pois a relação dos objetos transcende os mesmos e muitas vezes são vistos como pontos de força e/ou fé. A análise de todos estes objetos que permeiam estes espaços religiosos são muito complexas e não devem ser vistas isoladas, neste trabalho foram descritas de maneiras pontuais para facilitar o entendimento, mas é importante ressaltar que as mesmas dialogam entre si com grande harmonia.

O centro Africano Oxum Demum e casa de Umbanda do Ogum Beira Mar se localiza na cidade de Passo Fundo – RS bairro Vila Fátima, sendo uma casa muito simples de tijolos a vista pintada de vermelho, composta de seis cômodos, e é nesta casa que o fundador e Pai de santo Jair da Silva Vieira reside, a maioria dos rituais religiosos são realizados em um garagem que foi ressignificada e transformada em um salão. Logo ao entrarmos neste ressoito vemos ao fundo o congá (altar) da umbanda e a nossa direita em um pequeno canto que na maior parte do tempo está fechado com cortinas temos os assentamentos dos orixás do batuque, sendo estes pontos de forças consagrados a Orixás em específico.

O salão é composto por paredes pintadas de branco, o forro branco de madeira e um piso bruto pintado de vermelho, podemos perceber que a janela ao lado do congá foi fechada,

pois acreditasse que eguns/quiumbas, que são espíritos obsessores entram pelo lado de trás da casa então esta ação faz com que estes sejam evitados.

Imagem I: O Congá



Fonte: Fotografia do acervo

Podemos notar que o congá da umbanda está repleto de imagens/assentamentos de umbanda estes assentamentos são composto por Imagens de gesso, quartinhas de barro aonde é depositado água e pedras de seixo de rio também conhecidas como ocutas, estas ocutas servem como o núcleo do assentamento aonde a maior força do assentamento se localiza, estes assentamentos não pertencem todos ao pai de santo da casa, alguns desses assentamentos pertencem aos filhos que não tem um espaço apropriado em suas casas ou que o pai de santo

julgue que os mesmos não tenham desenvolvido responsabilidade o suficiente para zelar por eles em suas respectivas residências.

Aos fundos da casa localiza-se a cangira local onde todos os assentamentos de exus e pombo giras, ela é toda pintada de tinta vermelha, do chão de cimento bruto até as paredes. Apenas o seu forro de PVC que se mantém na cor branca. Ao seu redor estão três níveis de prateleiras feitas de forma rustica de madeira sendo dispostos neste espaço os assentamentos de exus e pombo giras dos filhos da casa. Mas o que se destaca é logo na entrada em dois pedestais os assentamentos de Pombo Gira Maria Padilha e o Exu Destranca Rua sendo estes as entidades que o dirigente religioso trabalha incorporado, atrás deles temos dois manequins fantasiados de exu e pombo gira representado os donos da casa.

Imagem II: Mioro



Fonte: Edinan Bertocho, 2019

São realizados rituais de assentamentos das entidades que se manifestam neste terreiro que seria uma consagração e uma ligação entre uma pessoa com o Orun (céu) e o Aiye (terra), consagrando determinada pessoa a uma entidade específica. Um assentamento é um ponto de força onde a pessoa que foi consagrada a determinada entidade pode fazer suas preces e realizar suas oferendas (frutas, comidas em geral) com objetivo de conseguir realizações tanto financeiras de cura ou até espirituais.

Estes assentamentos têm alguns pontos em comuns como a utilização do mioro (maceração de folhas variadas com água, que é realizada por algum membro do terreiro). Utilizado na consagração dos assentamentos, existem inúmeros tipos de mioros para diversos

fins, mas nos assentamentos podemos classificar dois tipos, os doces e amargos, os mioros doces são destinados as entidades do mel que são compostas por Oxum, Iemanjá e oxalá algumas ervas utilizadas neste mioros são: Boldo, Camomila, funcho, ameixeira entre outros. Representam a doçura, amor, calma, bons pensamentos e a harmonia.

Já o mioro amargo é destinado para os assentamentos de entidades do dendê, estas entidades são enérgicas, guerreiras, prontas para vencerem as dificuldades e batalhas da vida. Neste grupo estão as entidades: Exu, Pombo Gira, Ogum, Xangô, Oxóssi, Omolu e Iansã. As ervas que podem ser utilizadas podem ser folhas de jabuticaba, pitangueira, espadas de são Jorge e Iansã,

Imagem III: Quartinhas



Fonte: Edinan Bertocho, 2019

As quartinhas são recipientes de argila, fundamentais para todos os assentamentos das entidades/orixas de umbanda quimbanda e batuque. Estas quartinhas podem ser pintadas com a cor ligada a entidade que está sendo assentada, um exemplo é pintar de verde uma quartinha para um assentamento de Oxóssi. É neste recipiente que é guardado um dos maiores segredos/fundamentos de um assentamento, que é a água o líquido e símbolo da vida de purificação do ser humano que não se estraga, também é nela que a água da primeira lavagem de cabeça junto de um recém iniciado na umbanda. Acreditasse que a entidade recém assentada também necessita do fluido da água e é nas quartinhas que o mesmo encontram este elemento.

Existe uma relação e uma responsabilidade muito grande entre o médium umbandista e estas quartinhas, pois é responsabilidade do mesmo cuidar da manutenção deste objeto, sendo que semanalmente ela deve ser enchida com água e quando o líquido em seu interior azeda, este deve ser trocado. Acreditasse que uma quartinha mal cuidada atribui ao seu dono deméritos e

dificuldades em sua vida, sendo este um castigo aplicado pela entidade que rege este assentamento.

A musicalidade está muito ligada a esta religião, canções entoadas conhecidas como pontos são conjuradas durante todas as seções, estas são compostas por letras que aos ouvintes mais atentos entenderam grandes fundamentos desta religião, estes pontos são utilizados desde o amaci, assentamentos, chamadas das entidades para a incorporação nos médiuns entre outros momentos.

Imagem IV: Os Membros



Fonte: Edinan Bertocho, 2019

As vestimentas utilizadas nos rituais variam dependendo de que segmento religioso está sendo realizado no momento, mas em sua maior parte do tempo as mulheres utilizam saias compridas e os homens calças, também se tem o costume de utilizar chapéus e turbantes estes tem como finalidade a proteção do *ori* (cabeça/coroa do médium) que é uma parte do corpo sagrada para esta religião onde o orixa que rege este ser se localiza.

O que diferencia um tipo de ritual para o outro em sua maior parte do tempo são as cores e os adornos utilizados. Quando são feitas as sessões de Quimbanda é nítido que prevaleça duas cores nas roupas dos médiuns que são vermelho e preto, sendo estas cores relacionadas com as entidades que se manifestam nestes médiuns exus e pombo giras. Quando um homem recebe uma pombo gira sendo esta uma entidade feminina é rotineiro que o mesmo utilize saias e vestido, dentro destas sessões também se manifestam falange dos ciganos e seus médiuns utilizam uma vestimenta que lembra todos os estereótipos destes.

Nas sessões de umbanda são utilizadas roupas mais simples remetendo a caridade e a humildade que esta religião prega sendo que roupas brancas tornam-se um uniforme nestes rituais, um dos únicos adereços utilizados são colares feitos de miçangas, conhecidos popularmente como guias, e suas cores estão relacionadas na maioria das vezes com as entidades que o médium recebe, um exemplo é a guia de ogum que em sua maioria as cores utilizadas são verde, vermelho e branco

As roupas utilizadas nos batuques são chamadas de *axós*. Estes *axós* são utilizados apenas em dias de festas tendo dos mais extravagantes a humildes, estas roupas sempre têm por objetivo homenagear um orixá, não necessariamente o orixá da pessoa em específico. É de costume utilizar um turbante os iniciados na religião, ou seja aqueles que passaram por todas as iniciações utilizam uma guia imperial que é um colar de miçanga com um número de fios que representam seu orixá um exemplo é Oxum que seu número é oito e múltiplos deste número, então teremos oito fios em sua guia imperial.

O culto aos orixás é muito difundido no Brasil e inúmeras vertentes religiosas cultuam este panteão. A Umbanda e o Batuque são alguns destes, cada um de sua forma com suas peculiaridades, mas sempre orientando-se a partir de uma matriz africana. Como são diferentes vertentes, interpretam o culto aos orixás também de formas diferentes e, conseqüentemente, apresentam diferentes práticas.

Imagem V: Ogum



Fonte: Edinan Bertocho, 2019

Ogum orixá patrono da guerra e de todos os metais ligados a ferramentas, é um hábil ferreiro forjador de armas e utensílios de ferros ligados a trabalhos manuais, associado ao movimento pois é o dono de todas as estradas, com um temperamento colérico se exalta com muita facilidade; é casmurro e obstinado (FREITAS, 2016).

Se meu Pai é Ogum, vencedor de demandas
 Ele vem de Aruanda pra salvar filhos de Umbanda
 Ogum, Ogum Yara
 Ogum, Ogum Yara
 Salve os campos de batalha, salve a sereia do mar
 (Autor desconhecido).

Este é um ponto de homenagem a Ogum Yara, que ilustra muito bem qual é a função que a entidade Ogum exerce em sua egrégora, logo em seu primeiro estrofe é entoado “Vencedor de demanda” que nos remete o poder de ogum vencer as batalhas, feitiçarias ou dificuldades que algum pessoa possa ter, pois ele “vem de aruanda” este local pode ser visto como um paraíso para os umbandistas.

Quando pensamos este orixá na umbanda o mesmo tem uma falange muito extensa que se manifesta com os mais diversos nomes como por exemplo, Ogum Beira Mar, Ogum Yara, Ogum Mege, Ogum Xoroque, Ogum Rompe Mato, Ogum Narue, Ogum da Lua, Ogum da

Pedreira, Ogum Sete Espadas entre outros. Estes são entidades que em vida foram guerreiros e que hoje se manifestam nos terreiros com o objetivo de quebrar demandas (feitiços ruins) e abrir os caminhos principalmente de negócios.

Quando se manifestam em seus médium, mostram toda a rigidez de um soldado marchando. Em seus assentamentos na Umbanda são utilizadas pedras de seixo de rio em formatos que lembrem, cobras um dos animais que Ogum rege, ou capacetes associados a defesa nos embates.

Imagens de gesso são utilizadas na Umbanda, Ogum pode ser sincretizado com São Jorge. Na maioria das vezes este representa Ogum Mege, outros oguns tem suas imagens próprias, distintas umas das outras, como é o caso da imagem que vemos a cima, Ogum Yara a guia que representa esta entidade é formada por três cores vermelho, branco e verde representam respectivamente a guerra, paz e a natureza.

Imagem VI: Iansã



Iansã é a orixá dos ventos, tempestades e relâmpagos, representa uma mulher impetuosa que vai a guerra junto com Ogum. Leva as almas (também podendo tratar a palavra almas como eguns) dos mortos para o orun com o auxílio de seu eruexim, uma espécie de chicote feito com rabo de búfalo sendo este um dos animais que esta orixá rege, mãe de nove filhos que nasceram mortos, Iansã se torna mãe dos eguns (AZAMBUJA, 2010).

[...]Iansã comanda os ventos
 E a força dos elementos
 Na ponta do seu florim
 É uma menina bonita
 Quando o céu se precipita
 Sempre o princípio e o fim[...]
 (As Ayabás, Maria Bethânia)

Neste ponto vemos alguns dos pontos de força em que Iansã trabalha, os ventos e as chuvas. Sua manifestação em médiuns é muito marcante, pois com seus braços fazem movimentos leves e rápidos que imitam o vento e giram com uma velocidade tamanha que faz nos lembrar de um redemoinho. Quando procurada para dar passe em algum consulente ela pode ajudar este o livrando de espíritos ruins e trazendo movimento e prosperidade. Enquanto vivas estas entidades que se manifestam com o nome de Iansã foram mulheres guerreiras que tomavam a frente em embates.

Em seus assentamentos na umbanda ela é sincretizada com Santa Bárbara uma santa católica. Sua oculta pode ser em forma de relâmpago sendo associado este a um dos elementos que é regido por iansã, sua quartinha de barro junto com sua guia é pintada de amarelo, relacionado ao brilho de seu relâmpago e as vitórias nas batalhas.

Imagem VII: Xangô

Fonte: Edinan Bertocho, 2019

Xangô é o orixá da justiça, regente do fogo e do trovão tem o oxé como símbolo da justiça sendo este um machado de duas laminas que faz a alusão da justiça, sendo está muito severa. Cortando para os dois lados. É associado ao leão, pois também é rei e muito leal, o charme e a sensualidade masculina é atribuída a Xango. É nas pedreiras que xangô mora mostrando a sua frieza e dureza (FREITAS, 2016).

Ele bradou na aldeia
Bradou na cachoeira em noite de luar
No alto da pedreira
Vem fazer justiça, pra me ajudar

Ele bradou na aldeia, Kão kão

E aqui vai bradar, Kão kão
 Ele é Xangô da pedreira
 Ele nasceu na cachoeira
 Lá no juremar
 (Brado de Xangô, Tião Casemiro)

Com este ponto poderíamos resumir quem é o Orixá Xangô desde seus pontos de força na natureza até sua ação entre os homens. Quando se manifestam no terreiro emitem um brado muito forte, imponentes e muito sérios, mostram passos e voz muito firmes, tem uma grande imponência. Quem os procura geralmente pedem e levam problemas justiciais para serem resolvidos ou um norteamto para os mesmos.

Em seus assentamentos é utilizado imagens de São Jeronimo ou São Miguel. Com ocutas que lembram machados as cores de sua quartinha e guias é marrom mesma cor que suas ocutas evocando a sua justiça.

Imagem VIII: Oxossi



Fonte: Edinan Bertocho, 2019

Oxossi orixá caçador, é um orixá associado aos indígenas, inteligência e a fartura. É ele quem provê alimentos para toda a sua aldeia, caçando e pescando. Utiliza sua astúcia e conhecimentos das matas; conhece todos os tipos de ervas medicinais, pois está sempre em contato com as mesmas; seu arco e flecha se se chama ofá e nunca erra nem um alvo, sendo o melhor atirador de arco e flecha (BARROS, 2013).

Sou filho do guerreiro de uma flecha só
 Sou filho de Oxossi caçador
 E todo bom guerreiro não anda só
 Tem sempre um irmão merecedor
 O Rei das Matas
 O meu protetor
 O Rei das Matas
 O meu protetor
 Sarava meu pai Oxossi
 Sua bênção meu senhor
 Oke Arô
 (O Rei das Matas, Sandro Luiz)

“Sou filho de um guerreiro de uma flecha só” ilustra com grande clareza oxossi e os caboclos, pois conta um lenda que oxossi foi o único caçador que conseguiu abater uma grande ave com apenas uma flecha e desde então ficou conhecido como o grande caçador e que alimenta toda a sua aldeia através de suas caças na mata (PRANDI, 2001).

Ao chegarem no terreiro fazem um gesto com a mão que lembra o atirar de um arco e flecha e têm um bramido muito forte que lembra o início de um conflito; dançam semi curvados com passos saltitantes mas com grade firmeza nos passos e com muita imponência. São grandes curandeiros e auxiliam através de cirurgias espirituais quem os procura, também ajudando a trazer fartura para seus consulentes.

Imagens de São Sebastião são utilizadas neste assentamento ou na maioria das vezes como no assentamento de ogum é utilizado a imagem do respectivo caboclo que passa por esse assentamento. Como por exemplo: Caboclo Girassol, Caboclo Tupinambá, Caboclo Sete Flechas, Cabocla Jupira, Cabocla Jurema entre outros. A ocuta utilizada é em formato de ponta de flecha representando a sua ligação com a caça. Sua guia e quartinha são verdes mostrando a ligação deste orixá com as matas.

Imagem IX: Oxum



Fonte: Edinan Bertocho, 2019

Oxum orixá das cachoeiras, rege os rios e o ouro, representa toda a sensualidade e feminilidade da mulher. Cuida de todos os fetos dentro do útero da mãe, ligada a fertilidade e a vida de tudo que é vivo, pois é dela toda a água doce. Muito audaciosa e sagaciosa consegue tudo que almeja utilizando seu charme e sua inteligência (BARBARA, 2002).

No céu, uma estrela vem brilhando.
 Nas águas, o amor refletindo.
 Ora Yê Yê Ô Oxum!
 Oxum é minha mãe,
 De alegria eu estou sorrindo.
 Também nas cachoeiras,
 Tem a força de Oxum!
 Ora Yê Yê Ô Oxum!

(No céu, uma estrela vem brilhando, Hugo de Oxossi)

Em sua maioria os pontos de oxum trazem mensagens de amor e falam sobre beleza, suas manifestações no terreiro apresentasse com muita leveza com os braços de seus médiuns faz movimentos que lembram o nadar em um lago de águas calmas, também utiliza um abebe uma espécie de espelho de mão que utiliza para pentear seus cabelos. Auxilia as pessoas que as procuram em questões amorosas e a mulheres que têm dificuldade para engravidar.

Nossa Senhora Aparecida é a imagem utilizada para o assentamento de Oxum e a sua oculta em forma de coração que nos remete doçura e o afeto que este orixá traz a cor que esta as cores utilizadas nas guias e quartinhas são azul escuro representando o fundo dos rios e seus mistério.

Imagem X: São Cosme e São Damião



Fonte: Edinan Bertocho, 2019

São Cosme e Damião são entidades que se manifestam na umbanda, mais conhecidas apenas como cosmes, acreditasse que sejam espíritos de crianças e por isso se manifestam com trejeitos infantis, muito brincalhões e alegres trazem a inocência e a alegria, como crianças que são não distinguem suas ações entre bem ou mal e acabam muitas vezes sendo mal vistas por olhos adultos. Gostam muito de comer doces e bolos e beber água com açúcar mas principalmente refrigerantes de guaraná (BARROS, 2013).

Papai me manda um balão
Com todas crianças que tem lá no céu
Papai me manda um balão
Com todas crianças que tem lá no céu
Tem doce papai tem doce papai
Tem doce lá no jardim
(Autor desconhecido).

Entoam os pontos de cosmes canções que nos referem a brincadeiras e aos alimentos que os mesmos tento apreciam. Quando incorporam nos médiuns a maioria cai ao chão e permanecem sentados durante todo o tempo e para se mover gatinham e/ou se arrastam pelo chão, com chupetas e mamadeiras. Utilizam nomes próprios como Pedrinho, Mariazinha, Joãozinho, clarinha.

São utilizados nos assentamentos imagens de São Cosme e Damião ou do cosme em específico e duas ocutas iguais em forma de pequenas bolinhas representando sua gemelidade as cores utilizadas em suas quartinhas e guias são na maioria das vezes é rosa e azul, relacionadas assim com padrões sociais de gênero.

Imagem XI: Iemanjá



Fonte: Edinan Bertocho, 2019

Iemanjá orixá do mar, dona da calunga grande (cemitério) o mar e de tudo que está dentro dele, mãe de Ogum e Oxóssi, rege os pensamentos e as cabeças mais turbulentas, guarda grandes mistérios sobre a vida e a morte, é responsável por cuidar das famílias e trazer harmonia para elas (BARBARA, 2002).

Mãe d'água, rainha das ondas, sereia do mar
 Mãe d'água, seu canto é bonito quando tem luar
 Como é lindo o canto de Iemanjá
 Faz até o pescador chorar
 Quem escuta a Mãe d'água cantar
 Vai com ela pro fundo do mar

Iêê, Iemanjá!
Iêê, Iemanjá
Rainha das ondas, sereia do mar
(Autor desconhecido)

Iemanjá em seus pontos também pode ser vista como uma sereia, é bastante corriqueiro em seus pontos fazerem alusões as oferendas que são feitas todos os anos em diversas partes do Brasil no dia dois de janeiro. Quando incorpora em seus médiuns tem uma manifestação muito parecida com as manifestações de oxum, mas na maior parte do tempo cruza as mãos sobre o peito e emite pequenos gemidos. Seus passes são dedicados a livrar pensamentos ruins dos consulentes, trazer a fertilidade para as mulheres e trazer paz para os lares enfermos.

As imagens assentadas podem ser tanto quanto nossa Senhora dos Navegantes ou a imagem tradicional de Iemanjá. Suas ocultas são em forma de peixe fazendo assim uma associação com os peixes do mar. Sua quartinha e guia são azul claro representando à água do mar.

Imagem XII: Oxalá



Fonte: Edinan Bertocho, 2019

Oxalá o orixá da criação, pai de todos os orixás é o maior dentro da hierarquia destes, criador de tudo e de todos e com seu sopro divino dá a vida a todos os seres humanos. Muito sábio e benevolente, representa a fé e a esperança; o ar que se respira e mantém a vida de cada ser (FREITAS, 2016).

Oxalá criou a Terra
 Oxalá criou o Mar
 Oxalá criou o mundo
 Onde reinam os Orixás
 A pedra deu pra Xangô
 meu pai é rei justiceiro
 As matas deu para Oxóssi
 caçador grande guerreiro
 Mar com pescaria farta
 ele deu pra Iemanjá
 O rio deu para Oxum
 os ventos para Oiá
 Grandes campos de batalha
 deu para Ogum guerreiro
 Campinas Pai Oxalá
 deu para seu boiadeiro
 Jardim com lindos gramados
 deu para as crianças brincar
 Oxalá criou o mundo,
 onde reinam os Orixás

O poço deu pra Nanã,
 a mais velha Orixá
 E o cruzeiro bendito
 deu para as almas trabalhar
 Finalmente deu as ruas, com estrela e luar
 Para Exu e Pombo Gira nossos caminhos guardar
 (AUTOR DESCONHECIDO).

Este orixá não se manifesta na umbanda. Acreditasse que está em um grau da espiritualidade tão elevado que sua presença através da incorporação não é necessária, mas cânticos chamados de pontos são entoados a ele. Também não são realizados assentamentos desta entidade, pois é de costume neste terreiro assentar apenas as entidades com qual o médium trabalha.

Imagem XIII: Cangira



Fonte: Edinan Bertocho, 2019

As entidades que se manifestam na Quimbanda podem ser classificadas em duas categorias, Exus uma entidade com um arquétipo masculino, e Pombo Giras que se manifestam com um arquétipo feminino. Estas entidades se apresentam com diversos nomes como por

exemplo: Exu Maré, Exu Tranca Rua, Exu Tiriri, Zé Pilintra, Exu Caveira, Exu cigano, Exu Rei, Exu sete facadas, Exu do Lodo, Exu morcego, Pomba Gira Maria Padilha, Pomba Gira Maria Quitéria, Pomba Gira Maria Mulambo, Pomba Gira Maria Farrapo, Pomba Gira Dama da Noite, Pomba Gira Menina, Pomba Gira da Praia, Pomba Gira das Sete Catacumbas, Pomba Gira Rosa caveira e Pomba Gira Sete Sais. Estas entidades possuem diversos nomes por que tem funções diferentes no astral, então assim escolhem nomes que mais identificarão a estas diferentes funções

Segunda a egrégora da Quimbanda as entidades que se manifestam, são espíritos muito próximos a humanidade, sendo que a maior parte destes viveram na terra e tiveram uma vida as margens da sociedade, pois estavam em volta de roubos, assassinatos, prostituição, extorsão e violência (BARROS, 2013).

Sendo assim entendem as necessidades mais básicas e frívolas das pessoas que os procuram, mas isso de forma alguma é um demérito, pois são destes desejos que estas entidades podem dar valiosos conselhos, e também é através destas entidades que podemos ter mais prosperidade em paixões carnis e nos negócios financeiros (BARROS, 2013).

Quando se manifestam nos médiuns através da incorporação, estes exus e pombo giras em sua maioria não demonstram as faces mais amigáveis. Com gargalhadas estridentes e urros amedrontam muitos os que os veem a primeira vista, tendem a ser muito duros ao enfatizar alguns assuntos sem medo do que suas palavras podem causar. A utilização de palavras de baixo calão também é rotineira quando temos contato com estas entidades.

Nas sessões de Quimbanda o que não falta são bebidas alcoólicas e cigarro. As entidades incorporadas nos médiuns bebem e fumam muito, demonstrando os seus poderes sobre o seu aparelho, pois na maioria das vezes quando desincorporam deixam o médium totalmente sóbrio, sem demonstrar nem um traço de que o mesmo tenha bebido quantidades excessivas de álcool. A utilização do álcool e dos cigarros tem por fim o descarrego de energias negativas do local e das pessoas que buscam essas entidades.

Uma característica muito marcante desta sessões são as danças realizadas por estas entidades, com muitos giros e gargalhadas trazem grande elegância, sem esquecer de mencionar o quão galantes são estas entidades.

Na Quimbanda os assentamentos de exus e pombo giras são bastante similares distinguindo apenas alguns poucos elementos. Eles tem suma importância para os médiuns para

o desenvolvimento da sua mediunidade e nas questões de prosperidade na vida do mesmo tanto materiais como no lado amoroso. Com a entidade assentada é firmado um compromisso entre entidade e médium que se estreitada cada vez mais com os anos. podemos listar alguns dos elementos utilizados neste assentamentos:

- Alguidar de barro;
- Búzios Africanos;
- Imagem de gesso;
- Íman;
- Moedas;
- Otá (pedra de seixo de rio)
- Ponteiras de aço;
- Sete tipos de terras de locais diferentes;
- Tridentes arredondados ou quadrados;

Entender o significado deste elementos é quase como uma missão impossível cheia de mistérios. Todos estes elementos ficam dentro do alguidar de barro que passara a servir como um ponto de força, em sua base serão depositados sete tipos de terras de locais diferentes, sendo este um elemento muito importante, pois demonstra que a entidade estará em diversos locais tendo domínio sobre estes.

A imagem serve para ilustrar e adornar o assentamento, pois a entidade de fato é assentada na otá, sendo está o núcleo de todo este assentamento, o imã as moedas e os búzios representaram os elementos da prosperidade financeira, o tridente além das suas pontas representarem os quatro elementos da natureza água, fogo, ar e terra junto com a ponteira serve para a defesa e o ataque da entidade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procurou analisar alguns artefatos e manifestações que são utilizados e apresentados no terreiro de Ogum Beira Mar na cidade de Passo Fundo- RS, a análise etnoarqueológica junto com a cultura material e imaterial buscou compreender os significados e a importância destes dentro deste espaço religioso e a relação que estes tem com os membros deste terreiro.

É de suma importância destacar, que promover discussões sobre religiosidade de matriz Afro-Brasileiras dentro da academia tem sua relevância, pois mesmo dentro de um ambiente que diz ser plural, não é muito difícil encontrar resquícios de preconceitos velados sobre estes temas.

Discutir religiosidade não é um tema que podemos tratar de maneira simplória, pois afeta a vida de diversas pessoas em questões tão particulares que é impossível mensurar. Quando pensamos em uma história geral da humanidade é inconcebível não citarmos a religiosidade que vem se manifestando de diversas maneiras nos mais distintos locais onde se encontram aglomerados de pessoas.

Faz parte do senso comum no Brasil acreditar que a religiosidade do continente Africano se restringe ao culto dos orixás, mas esta afirmação é errônea, pois neste continente existe uma pluralidade de crenças tanto quanto no Brasil, podemos citar o cristianismo e islamismo que também fazem presença e tem um número considerável de fiéis .

A Umbanda surge em um contexto de transformações e ressignificações, acolhendo e dando uma nova face para aqueles que vinham perdendo espaço na hegemonia cristã criada no Brasil, dando voz e protagonismo para muitos. E podemos dar como exemplo os caboclos que se manifestam nesta religião trazendo a pajelança e o curandeirismo tão marcante em algumas das comunidades indígenas.

Inúmeros ataques são realizados todos os anos contra centros religiosos de matriz Afro-Brasileira podemos destacar o ano de 2017 onde se ganhou grande destaque na mídia, no Rio de Janeiro inúmeros centros foram depredados por traficantes (RJTV, 2017)

Através do estudo destes objetos que foi discorrido anteriormente podemos compreender que as imagens quartinhas e ocutas entre outros, transcendem a materialidade deixam de ser apenas objetos para os membros desta religião, são através destes que eles encontram aconchego e a paz nos momentos tristes e alegres da vida. É o local de encontro com o sagrado.

A partir de tudo o que foi levantado até aqui, podemos perceber que a Umbanda pode ser vista e interpretada de diversas formas, o presente trabalho em seu segundo capítulo apresenta uma destas e mostra o quão rica de significados esta religião é, empenhando-se em desmistificar aqueles que acreditam que esta religião tenha por objetivo a “maldade”, mesmo que é de extrema relevância apontar e ressaltar que os conceitos antagônicos de bem ou mal criados por uma ideologia cristã não devem ser aplicados em religiões que não tem por base a mesma formação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

“A MANIFESTAÇÃO DO ESPÍRITO PARA A CARIDADE” AS ORIGENS DA UMBANDA – II. São Caetano do Sul: Fundação Biblioteca Nacional, 2013. 149 p.

AGNOLIN, Adone. Atuação missionária jesuítica na América portuguesa: a peculiar via renascentista, sacramental e tridentina à salvação no(s) Novo(s) Mundo(s). **Tempo**, Rio de Janeiro, v. 32, p.19-48, set. 2011. Semestral.

AZAMBUJA, Márcio Passos de. **UMA VISADA SOBRE A PRESENÇA DOS ORIXÁS EM JOÃO DO RIO, MÁRIO DE ANDRADE E JORGE AMADO.** 2010. 58 f. Monografia (Especialização) - Curso de Lic. Letras, Ufrgs, Porto Alegre, 2010.

BARBARA, Rosa Maria. **A Dabça das Aiabás.** 2002. 201 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

BARROS, Marcelo. **O candomblé bem explicado:** (Nações Bantu, Iorubá e Fon). Rio de Janeiro: Pallas, 2009. 554 p.

BARROS, Sullivan Charles. **AS ENTIDADES ‘BRASILEIRAS’ DA UMBANDA E AS FACES INCONFESSAS DO BRASIL.** 2013. XXVII Simpósio Nacional de História. Natal RN.

BENISTE, José. **Orun, Ayié: O encontro de dois mundos.** Rio de Janeiro: Bertraan Brasil, 1997. 336 p.

BIRMAN, Patricia. **O que é umbanda.** Sp: Abril, 1985. 108 p.

CANDOMBLÉ E UMBANDA: PRÁTICAS RELIGIOSAS DA IDENTIDADE NEGRA NO BRASIL. João Pessoa: Rbse, dez. 2010.

CARNEIRO, João Luiz. **Religiões afro-brasileiras:** uma construção teológica. Ssp: Vozes, 2014. 151 p.

DOMINGUES, Petrônio. **Uma história não contada. Negro, racismo e trabalho no pós-abolição em São Paulo (1889-1930),** apresentada no departamento de História da Universidade de São Paulo (USP), em 2001.

ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano:** a essência das religiões. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

ENTREVISTA com Pai Raul de Xangô | KIZOMBA. Direção de Srael Ávila. Porto Alegre: Kixoma, 2018. (41 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ybDm8QvKoLQ>>. Acesso em: 06 jun. 2018.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Idade Média: Nascimento do Ocidente**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1996. 204 p.

FREITAS, Cilma Laurinda. **MITOLOGIA DOS ORIXÉS E UMBANDA:: DUAS BACIAS SEM-NTICAS NA PERSPECTIVA DE DURAND**. 2016. 308 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2016.

FUNARI, Pedro Paulo. **Patrimônio e História Cultural**. 2. ed. RJ: Zahar, 2006. 71 p.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Gen Ltc, 1989. 215 p.

KOSBY, Marília Floôr. “Se eu morrer hoje, amanhã eu melhora”: Sobre afecção na etnografia dos processos de feitura da pessoa de religião no Batuque, em Pelotas/RS. 2009. 118 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2009.

LAVINA, Rodrigo. Indígenas de Santa Catarina: história dos povos Invisíveis. In: BRANCHER, Ana. **História de Santa Catarina: debates contemporâneos**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1999, p. 73-82.

MARCONI, Marina de Andrade. **Antropologia uma introdução**. SP: Atlas, 1986. 255 p.

NASCIMENTO, Alessandra Amaral Soares. *Candomblé e Umbanda: Práticas religiosas da identidade negra no Brasil*. **RBSE**, 9 (27): 923a 944. ISSN 1676-8965, dezembro de 2010. <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>

OLIVEIRA, José Henrique Motta de. **Das Macumbas a Umbanda: A construção de uma religião Brasileira**. RJ: Mlopes Books, 2004.

OLIVEIRA, José Paiva de. **Os Mistérios da Umbanda e do Candomblé**. Rio de Janeiro: Espiritualista Ltda, 1980. 150 p.

[ORO, Ari](#). **Religiões afro-brasileiras do Rio Grande do Sul: passado e presente**. *Estud. afro-asiát.* [online]. 2002, vol.24, n.2, pp.345-384. ISSN 0101-546X. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-546X2002000200006>.

PEREIRA, Rogério Amaral. **SOBRE A LUZ DO GUERREIRO:: AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS NO CENTRO ESPIRITUALISTA REINO DE SÃO JORGE - RIO**

GRANDE/RS RIO GRANDE 2011. 2011. 128 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2011.

PINHEIRO, André de Oliveira. **Revista Espiritual de Umbanda::** Mito Fundador, Tradição e Tensões no Campo Umbandista. 2009. 124 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Programa de Pós-graduação em História, Ufsc, Florianópolis, 2009.

PINSKY, Carla Bassanezi et al. **Fontes Históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2005. 302 p.

Polícia do RJ investiga ataques a terreiros de umbanda e candomblé. **RJTV**, Rio de Janeiro, 08/09/2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/policia-do-rj-investiga-ataques-a-terreiros-de-umbanda-e-candomble.ghtml>

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 591 p.

RODNEY, Pai. **A Rede Record e o direito de resposta às religiões de matriz africana**. 2018. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/dialogos-da-fe/a-rede-record-e-o-direito-de-respostas-as-religoes-de-matriz-africana>>. Acesso em: 06 abr. 2018.

SARACENI, Rubens. **As Sete Linhas de Umbanda: a religião dos mistérios**. 7. ed. São Paulo: Madras, 2015. 151 p.

SILVA, Fabíola Andréa. Etnoarqueologia: uma perspectiva arqueológica para o estudo da cultura material. **Métis: história e cultura**, Caxias do Sul, v. 8, n. 16, p.121-139, jul. 2009.